

Experiência e acessibilidade com pessoas com deficiência visual

Laura POZZANA¹

Eduardo PASSOS²

Resumo

Este artigo toma em análise a experiência da Oficina de corpo, movimento e expressão no Instituto Benjamin Constant. O tema das práticas de acessibilidade com pessoas com deficiência visual é circunscrito em uma perspectiva de acesso à experiência pré-refletiva dos participantes das oficinas, na acepção dada ao problema por Claire Petitmengin (2007), Varela, Thompson e Rosch (2003) e Depraz, Varela e Vermersch (2003). No limite transdisciplinar entre educação, clínica e filosofia, o texto discute o duplo sentido da acessibilidade, considerando seja o acesso dos que possuem deficiência visual às práticas da Oficina, seja o acesso da coordenadora da oficina à experiência não visocentrada.

Palavras-chave: Acessibilidade. Clínica, Corpo. Experiência pré-reflexiva. Oficina.

¹ Doutora em psicologia. Pesquisadora do NUCC/PPGP-UFRJ. Orcid 0000-0003-1571-0315.
Email: laura.pozzana@gmail.com

² Doutor em psicologia. Professor titular IPSI/UFF. Orcid 0000-0003-2942-9452.
Email: e.passos1956@gmail.com

Experience na accessibility with visually impaired people

Laura POZZANA

Eduardo PASSOS

Abstract

This article analyzes the experience of the Body, Movement and Expression Workshop at the Benjamin Constant Institute. The theme of accessibility practices with visually impaired people is focused on from the perspective of access to the pre-reflective experience of workshop participants, following the perspective of Claire Petitmengin (2007), Varela, Thompson and Rosch (2003) and Depraz, Varela and Vermersch (2003). At the transdisciplinary intersection between education, clinic and philosophy, the text discusses the double meaning of accessibility, considering both, the access of those with visual impairments to the practices of the workshop, and the access of the workshop coordinator to the non-visocentered experience.

Keywords: Accessibility. Body. Clinic. Pre-reflective experience. Workshop.

Experiencia y accesibilidad com personas com discapacidad visual

Laura POZZANA

Eduardo PASSOS

Resumen

Este artículo analiza la experiencia del Taller sobre Cuerpo, Movimiento y Expresión en el Instituto Benjamin Constant. El tema de las prácticas de accesibilidad con personas con discapacidad visual está circunscrito desde una perspectiva de acceso a la experiencia prerreflexiva de los más altos participantes, en el sentido dado al problema por Claire Petitmengin (2007), Varela, Thompson y Rosch (2003) y Depraz, Varela y Vermersch (2003). En la frontera transdisciplinaria entre educación, clínica y filosofía, el texto discute el doble significado de accesibilidad, considerando el acceso de las personas con discapacidad visual a las más altas prácticas, Ya estropeo el acordeón desde la experiencia más alta hasta la visitada.

Palabras clave: Accesibilidad. Clínica, Cuerpo. Experiencia pre-reflexiva. Taller

Introdução

Depois de 15 anos realizando uma Oficina de corpo, movimento e expressão no Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro, uma das autoras deste texto procura colocar em análise o que a leva a fazer esta prática por um tão longo período com pessoas cegas e com baixa visão, que fazem parte do que é conhecido na instituição como “grupo da convivência” e batizada por eles de “nossa tribo”. O objetivo não é discutir a prática e os efeitos da Oficina nos participantes, e sim os efeitos sobre ela mesma, o que sustenta seu interesse e a mantém disposta a continuar. Em outras palavras, é analisar a experiência que a atravessa ao longo desses anos, ou seja, aquilo que, no encontro com aquele grupo de pessoas cegas e com baixa visão, possibilita o acesso da Laura a algo especial, inédito, a cada vez que a tribo se reúne e ao longo de todo esse tempo. Por esta razão o texto, que reúne dois autores, é escrito ora em primeira pessoa do singular, ora do plural. A variação do ponto de vista é proposital. O eu e o ele, o me e o si se alternam numa dinâmica que quer dissolver o que o regime da autoria tende a fixar. Algo se passa entre nós que escrevemos, algo se mantém na indeterminação deste espaço entre nós, o que esperamos facilite o acesso ao plano do coletivo que se autodesigna de tribo³.

A tribo é uma experiência de comunidade que se adensa no processo de grupalização. A tribo não está dada, mas vai se dando no ritmo dos encontros, pela força dos vínculos que iam se fazendo. Na tribo nos sentimos pertencendo. A tribo somos nós. O uso da primeira pessoa do singular em alguns momentos do texto não deve ser lido como expressão de uma pessoalidade ou internalidade do problema discutido. A primeira pessoa traz o gesto de deslocamento da atenção que não quer simplesmente fazer reflexão, mas busca o singular da experiência no redirecionamento da atenção do mundo para si. O movimento para dentro de si faz o mergulho na experiência em trânsito, deslocada, redirecionada para encontrar não o si mesmo, não o ensimesmamento, mas o regime de afecção que se produzia naqueles encontros. A tribo é um regime de afecção comum, como uma sintonia afetiva que dá ritmo compassado, que faz a respiração expandir a sensação corporal contraindo o grupo. A tribo é um pulso coletivo. Nesta direção, vamos buscar pistas acerca das condições de acessibilidade que atravessa e reúne todo o grupo, alargando esse conceito para além

³ O nome "Tribo" foi criado pelo próprio grupo e foi inspirado no modo de funcionamento em roda, de mãos dadas, fazendo o uso de músicas ritmada e movimentos que se relacionam com o solo. Estamos cientes que a noção de tribo tem sido muito criticada por pessoas que vêm discutindo o perspectivismo ameríndio, como o próprio Viveiros de Castro (2015), por conta de seu caráter colonial, uma vez que é um conceito criado pelo olhar estrangeiro, que enxergava o caráter exótico e primitivo oferecido às grupalidades e comunas ameríndias e africanas no processo de colonização, de modo a justificar o empreendimento civilizatório que susten tou a intenção exploratória.

POZZANA; PASSOS

da deficiência e entendendo-o de modo ampliado - acessibilidade ao devir tribo. Para isso, será importante tomar a atenção na sua dimensão e modulação conjunta.

Nestes tantos anos de realização da Oficina no IBC, é possível identificar diferentes momentos. Iniciei em 2007 oferecendo um trabalho inspirado no Sistema Rio Aberto. O Rio Aberto tem origem na Argentina nos anos 60, foi concebido por Maria Adela Palcos e atua no sentido de despertar a presença de cada um e abrir espaços para a expressividade dos afetos. Através da prática corporal realizada em roda, busca-se criar condições de convergência entre aquilo que se sente e se pensa e aquilo que se faz, ou seja, entre a experiência e a ação, entre experiência e movimento. O que está no horizonte é uma ampliação das conexões de cada um consigo mesmo e com o mundo (POZZANA, 2017). Uma prática que, em sua concepção original, havia sido criada para pessoas que enxergam, precisaria passar por transformações para ser aproveitada por quem não podia ver. Essas pessoas não poderiam se orientar pela imitação dos meus movimentos corporais na condução da oficina. Desde o início tive a intuição que poderia contribuir para o campo da deficiência visual e o ensinamento da orientação e mobilidade que, nessa lida concreta com eles, eu também teria muito o que aprender. Em outro momento, publiquei uma discussão sobre a oficina enquanto um processo de aprendizado coletivo e dos recursos que foram desenvolvidos em relação ao uso do toque (POZZANA, 2010), mas outras perguntas insistem: em que medida eu me acesso ao conduzir para eles e com eles a oficina? Como o trabalho reverbera em mim? Que afetos me atravessam? Que tipo de atenção a si é mobilizada? Como se dá este processo?

Em função da pandemia de Covid-19 e da exigência do isolamento social, a oficina é subitamente suspensa. O grupo não poderia manter encontros semanais presenciais. O gesto de levar a oficina para uma sala remota, onde a voz seria o único meio de comunicar e criar a liga da prática, foi a saída encontrada. O grupo de Whatsapp se apresentou como a ferramenta mais simples e mais acessível. Ora, na sala de espelhos do IBC, onde a oficina acontecia, eles não me viam, mas eu os via; no grupo de Whatsapp eles não me viam e eu também não os via. Curiosamente, a Tribo ganhou uma dimensão muito consistente num espaço-tempo outro – acessado remotamente. Ao longo da pandemia, realizamos ao todo 70 encontros semanais, com uma hora de duração, reunindo em média 15 participantes.

O ‘aqui e o agora’ parecem garantidos por aquilo que é o comum/medium produzido nestes 15 anos de trabalho e convivência. Não bastava ouvir os áudios, era preciso que eles, assim como eu e a estagiária que me acompanha, se dispusessem a estar ali para a prática. O desafio era sentir de modo corporificado a vinculação com as pessoas participantes e as indicações do dia.

A experiência de não ser vista e a ativação de um corpo atento multissensorial

É importante essa questão do olhar. A partir da experiência com essas pessoas com deficiência visual, e isso desde os tempos dos encontros presenciais, eu era obrigada a desestabilizar a orientação visocentrada de minha relação com o mundo. E algo se relaxava em mim, me libertava da pressão intrínseca à experiência de ser olhada. Por um lado, vivia o relaxamento por não estar sendo vista. A vigilância é um controle que se dá sobretudo pelo olhar, como num panóptico, daí o alívio que sentia por estar na roda sem ser vista. Por outro lado, aliviada do olhar sobre mim, o meu próprio olhar para os outros relaxava, dando lugar a uma atenção sem foco, preparando para uma atenção conjunta no plano dos afetos, marcada pela reciprocidade. Enfim, a retirada do controle visual abre a experiência para um corpo atento multissensorial, que envolve audição, tato, olfato e propriocepção. Estar na roda de movimento com pessoas com deficiência visual me permite participar e ter algum acesso a mundos onde as modalidades perceptivas se colocam mais lado a lado.

Sem a hegemonia da visão, um outro aspecto que chama atenção é a lentificação dos movimentos, que se impõe pelas características do tato. O tato se contrapõe à imediatidade da ação orientada pela visão. Diversos autores discutiram tal característica da cognição orientada pelo tato (GUERREIRO e KASTRUP, 2015; HATWELL, 2003; HATWELL, STRERI e GUENDAZ, 2000; KASTRUP, 2015). Na lida com a cegueira, muitas vezes observei a dificuldade que eles tinham em apreender mais ou menos instantaneamente o espaço de deslocamento, posturas etc. Isso fez com que eu aprendesse a ralentar meus passos, buscando acompanhá-los em seus modos de perceber, extraindo desses outros ritmos de caminhar e conhecer diferentes maneiras de fazer.

A lentificação também se impõe como regime temporal quando buscamos traduzir a mensagem do regime visual para o auditivo. É preciso dar tempo, acompanhando a passagem do sentido por modalidades sensoriais distintas. O tempo, na experiência da roda com as pessoas com deficiência visual, se lentifica, fica mais largo, como se ampliasse a espera no ritmo de uma respiração profunda. O tempo é o de uma travessia, um tempo medium, permitindo que os participantes se encontrem na roda, experimentando a relação entre eles, entre mim e eles. Temos uma experiência imediata do meio.

POZZANA; PASSOS

Na experiência coletiva do trabalho corporal, geralmente a comunicação é visocentrada: vejo os movimentos do corpo do outro e imito ou interajo de alguma outra forma. O privilégio em nossa cultura da orientação visual cria certo regime de sociabilidade que estratifica a realidade com a lógica da cosmovisão. Como insiste Oyèrónké Oyěwùmí (2002), o pressuposto da cosmovisão é um eurocentrismo que define o humano sempre operando pela lógica estratificadora do olhar. Na roda com pessoas com deficiência visual, tal pressuposto necessariamente se desestabiliza, pois a linguagem encarnada é a da fala e a da escuta. Trata-se de uma fala corporificada que precisa lançar mão da dimensão não só simbólica, mas também afetiva da linguagem. Uma fala que faz sintonia afetiva com o corpo do outro, tal como é a fala da mãe com o bebê conforme observou Daniel Stern (1992). Segundo Stern, não é apenas a mãe que convoca o bebê a participar de uma experiência amodal envolvendo a voz, na sua dimensão de ritmo e intensidade, mas a mãe também se sente convocada pela atenção do bebê, estabelecendo com ele um jogo de sintonia afetiva, improvisação e atenção conjunta. Mãe e bebê habitam uma zona de desenvolvimento afetivo proximal em que a experiência transita de uma posição à outra, conectando em sintonia os diferentes, distinguindo-os sem separá-los nesta zona trans entre a mãe e o bebê. De modo semelhante, fui convocada a experimentar uma participação no mundo não visuocentrado dos cegos.

O trabalho corporal que requer presença, atenção de corpo presente, é intenso. Era preciso estar muito conectada comigo mesma para atuar na condução da oficina. Desde o início, fui radicalmente deslocada de qualquer resíduo racionalista que me faria pensar que sabia de antemão como melhor conduzir um grupo ou exercício. Experimentei o alargamento do tempo presente e cultivei o estado de presença em sua inscrição espaço-temporal. Estar aqui e agora, sendo que o agora é o desse tempo alargado de uma atenção conjunta e de uma aprendizagem coletiva.

Um trecho da prática: abril de 2021 – Um abraço em tribo na pandemia

Bom dia, nossa tribo, gente querida!

Vamos começar esse encontro preparando o próprio espaço pra prática: se puder, afasta os objetos de perto e também os móveis. Se precisar, fecha a janela e a porta de onde você está. E vai desligando por um tempinho das tarefas do dia, das notícias da semana, passado e futuro.

A gente vai abrindo espaço na gente. Soltando, deixamos passar o ar como que esvaziando. Vai procurando perceber se tem alguma dor que chama atenção, um pensamento, uma sensação, um peso, um agito. Solta com a respiração. Como uma limpeza mesmo. Inspiramos fundo e na expiração soltamos o ar junto com um som.

Experiência e acessibilidade com pessoas com deficiência visual

Mais uma vez. Faz isso deixando o maxilar relaxado, deixando abrir a boca. Faz ser bem longa essa expiração.

Inspira e aaaaaaaaaaaaaaAR)))))))

Agora dá uma espreguiçada bem boa! Cresce no espaço.

Vai mexendo suavemente as articulações, também com essa indicação de soltar, esvaziar. Depois a gente vai mexendo a cabeça bem devagar. Mexe o pescoço, pra um lado, pro outro, redondo. Move o maxilar. Vai incluindo o movimento dos ombros, dos braços, dobra um e outro, move os punhos em todas as direções que der, vai explorando os dedos e articulando todos os ossos que der. Deixa os braços pendurados. Depois vamos sentindo a coluna como uma grande serpente, explorando a tua serpente. A cabeça vai junto. Vai sentindo do alto da cabeça até o cóccix. Move a bacia fazendo um movimento bem redondo. Sente que mexendo a cintura e a bacia a coluna vai ondulando. Vamos passando pra região da virilha, bumbum. Uma perna de cada vez. Vai conduzindo o movimento e sentindo o que articula. Apoia uma mão na parede ou na mesa se precisar. Mexe joelho, tornozelo, sem pisar. Depois carimba o pé no chão e vai sentindo esse contato. Troca de perna e faz o mesmo. Descola ela do chão, articula o joelho, depois o tornozelo, os dedinhos do pé.

Apoia os dois pés e sente a tua postura vertical. Sente como estão os teus apoios. Os dedos dos pés aderem bem no chão, fortes. Deixa os calcanhares firmes no solo. Sentimos uma força que vai pra baixo, entra no solo e uma que vem de baixo e sobe por nós. Pra isso, é bom a gente estar com o abdômem bem tônico, acordado. Aí a gente segura um pouco. Tipo: barriga pra dentro! E vê de ficar descansado nessa postura de pé. E nossos pés vão fundo, atravessam o chão da casa e vão entrando na terra, se alimentando do que vai encontrando, vai sentindo o que tem por baixo. A gente se comunica com essa grande mãe Terra. Como raízes a gente se espalha nesse apoio, entra no solo e cresce. A tribo se encontra (como se fosse na sala dos espelhos no IBC, nosso lugar usual), se toca e se abraça por baixo da terra. Vai ganhando espaço e encontrando a raiz de uma e de outro, a gente vai se cumprimentando e percebendo que a gente tá junto. E pisando bem a gente cresce para o alto, alonga, se estica e alcança o céu. Deixa os braços descansados ao longo do corpo e sente o alto da cabeça respirando com o céu. Lá no alto a gente também está junto.

Nessa hora, sinto forte essa imagem que foi se fazendo através da experimentação das nossas articulações corporais, do alto da cabeça aos pés, de um vetor que ia em direção ao solo e nele penetrava, outro vetor que vinha da terra e nos erguia. Não dava para saber o que fazia cada um(a), se esse percurso um tanto rizomático era acompanhado com atenção. Para mim veio forte a sensação de estar enraizada e sustentada também pelo céu. Nesta disposição, eu estava em casa, mas nessa hora ela não aparecia mais para mim. Eu percorria um caminho pelo meu corpo, buscando palavras que pudessem transmitir por onde eu andava. Na real, não havia um eu que se deslocava, espaços comunicantes me faziam afetada e territorializada fui me sentindo conectada com os(as) participantes da tribo. Ali o abraço era possível! E foi! Não havia perigo algum.

Agora a gente escuta. Escuta o nosso espaço, se escuta como tá.
(tempo de silêncio)

E nos preparando para a música que vem aí, a gente acorda a escuta. Fazendo um som de A. Como é o A na cara, com os braços? AAAAAAAA! Faz com o corpo todo. Depois vamos de É. ÉÉÉÉ! Faz com a boca, faz com a cara. IIIIIIII! Como fica

POZZANA; PASSOS

a testa, a coluna? ÓÓÓ... Faz com a boca, a cara. Sente como fica a barriga com o Ó. E depois vamos de U. UUUUU! O que chama atenção no corpo?
Quais são as vogais do teu nome? Fala só as vogais e chama. Se chama!

Os anos de roda com a Tribo contam de uma experiência que sempre guardou certo grau de indeterminação. Na escuta e na sensação ainda vaga, tocamos um plano de sentido compartilhado que é também captado em cada um. Trata-se de uma dimensão pré-refletida, não consciente para quem as vive, mas intensivamente presente nas ações e percepções em jogo, na zona trans, na consciência-corpo, no corpo praticado, no corpo coletivo de uma “cosmopercepção” (OYĚWÙMÍ, 2002). Tal dimensão sentida (mas não consciente) é matéria de trabalho da fenomenologia, principalmente da neuro-fenomenologia inspirada em Varela. O “felt-mening”, ou a dimensão “ressentie”, apontada por Petitmengin (2006a, 2006b, 2007, 2010), não encontra uma tradução direta para o português, pode ser entendida como sentido sentido, sentido intuído, sentido experienciado. É uma dimensão da experiência que está sempre presente; é o estofo mesmo dela, mas não é conhecida porque grande parte do tempo a nossa atenção utilitária no mundo está voltada para o conteúdo de nossas experiências e não ao modo como ela passa.

Petitmengin (2010) diz que esta dimensão experienciada não se refere a uma modalidade sensorial específica, à visão, à audição, ao tato, ao paladar ou ao olfato. Ela pode ser captada por três submodalidades: o ritmo, a intensidade e o movimento. São dimensões transmodais da experiência, transponíveis de um sentido ao outro, portanto diferentes de outras dimensões, sempre em correspondência com um sentido, como é exemplo a textura para o toque e a cor para a visão. Petitmengin afirma, dando os créditos para Daniel Stern (1992), que a dimensão transmodal corresponde ao mundo experimentado pelo bebê recém-nascido. Este não vive num mundo de imagens e sensações táteis. Vive um mundo de modificações dinâmicas sutis de ritmos, intensidades e movimentos. As qualidades transmodais da experiência são afetos de vitalidade (STERN, 1992, p.48-49), são “qualidades dinâmicas, cinéticas, do sentimento, que distinguem o animado do inanimado e que correspondem às mudanças momentâneas dos estados de sentimento envolvidos nos processos orgânicos de se estar vivo” (p.138). É importante sublinhar que estas dimensões são captadas na experiência como mudança de estado, como um crescendo, diminuindo, rindo, explodindo, etc. diferente de um modo categórico: triste, alegre, zangado e etc. Como um movimento, um afeto de vitalidade é experimentado sensorialmente sem poder ser referido apenas à visão ou à audição, por exemplo. É uma experiência, sobretudo, espacializada, referida ao corpo no espaço, ao espaço no corpo. Não o espaço que discretiza o dentro e o fora, o mim e o outro, que

estria e estratifica a experiência vivida, mas o espaço de um movimento, de um trânsito, o espaço dinâmico em que a experiência vai subindo ou descendo, aumentando ou diminuindo, um espaço mais intensivo do que extensivo. Este é o espaço que se dá entre a mãe e o bebê. É o espaço potencial ou transicional onde a realidade subjetiva se constitui como playing (WINNICOTT, 1975). Neste espaço do brincar, do jogar, do tocar e do interpretar (no sentido musical e teatral dos termos) vai se formando uma paisagem existencial. São os afetos de vitalidade que contam da expressividade, pois são eles que movem. Como diz Stern “existem milhares de sorrisos, milhares de levantar-se-de-cadeiras, milhares de variações na realização de todo e qualquer comportamento, e cada um deles apresenta um afeto de vitalidade diferente” (1992, p.49).

Para Stern (1992) esta dimensão transmodal, é um estrato da experiência que permanece ativo ao longo da vida, mesmo se geralmente não consciente. Os afetos de vitalidade, relativos à dimensão transmodal da experiência, compõem um mundo dinâmico sempre presente. Não correspondem a uma etapa do desenvolvimento da criança, que seria ultrapassada em proveito de novas etapas. Interessa comentar que para Stern é a dinâmica transmodal que viabilizaria a intersubjetividade, a ressonância entre dois mundos interiores (próprios). Como na relação entre mãe e bebê. De tempos em tempos, de maneira pré-refletida, seus ritmos internos entram em acordo. Por exemplo, como acontece na brincadeira, quando um movimento é associado com uma intensidade de som, a mãe se aproxima sucessivamente e a criança ri toda vez na mesma altura. Na oficina, nas primeiras indicações na roda, ao indicar com palavras movimentos corporais simples, criando imagens e maneiras de fazer mover, deparei-me com a necessidade de criar antes de tudo uma sensorialidade comum, a entrada num ritmo próprio da roda, de acordo com o ritmo do dia. A movimentação vai entrando numa coordenação com os afetos de vitalidade presentes e com aqueles nascentes no encontro. A prática da oficina é assim uma experimentação deste plano pré-refletido, afetivo-vital. Nela, é possibilitado um exercício com a atenção que é pura abertura para o plano intensivo. Posso dizer que é uma atenção-escuta com o corpo todo. Uma escuta atenta com o espaço inteiro no corpo. Espaço do corpo e espaço no corpo: acessar esta dimensão pré-refletida da experiência faz a tribo mergulhar nesta zona trans em que a realidade se dobra tal como uma banda de Moebius. Fazemos juntos um caminhando.

Eis que a intuição estético-clínica de Lygia Clark vem ao nosso auxílio. No ano de 1964, ela propõe a obra Caminhando que atribui “importância absoluta ao ato imanente realizado pelo participante” (CLARK, 1980, p. 25). Nessa obra, Lygia subverte radicalmente o sistema das artes

POZZANA; PASSOS

ao construir uma máquina expressiva, na qual o suporte material já não é quem garante ou confere o valor estético. Desloca-se a obra do objeto ao ato, de tal maneira que se cria uma “ligação com o mundo coletivo. Tratava-se de criar um espaço-tempo novo, concreto – não apenas para mim, mas para os outros” (CLARK, 1980, p. 26). A obra *Caminhando* não estando presente em nenhum suporte definitivo, só se faz num transbordamento pelo coletivo, de tal maneira que Lygia pode dizer:

pela primeira vez descobri uma nova realidade não em mim, mas no mundo. Reencontrei um caminhando, um itinerário interior fora de mim... eu percebo a totalidade do mundo como um ritmo único, global, que se estende de Mozart aos gestos de futebol da praia... agora não estou mais só. Sou aspirada pelos outros. (CLARK, 1980, p. 23)

Esta reverberação de ritmos em um jogo de forças que entram em acordo é o que Stern chama de sintonia (tunning) do afeto: “o desempenho de comportamentos que expressam a qualidade do sentimento de um estado afetivo compartilhado” (p.126). A noção de sintonia se coaduna com uma imitação inventiva⁴, detectada na roda. Mesmo sem o uso da visão, e, portanto, da imitação pela visão dos movimentos do outro, estávamos em sintonia afetiva. Petitmengin, ao tratar da dimensão transmodal em outro trabalho (2007), indica que o fato de pessoas cegas realizarem certos gestos sem jamais os terem visto aponta para uma imitação de gestos interiores, para os afetos que afetam segundo ritmos, movimentos e intensidades. Imitamos não só o movimento do outro, mas o que o move, a sua expressão afetiva, compartilhamos o que nos move e vice versa.

Petitmengin (2010) ao referir-se a esta dimensão sentida, transmodal, diz que ela poderia ser descrita como uma paisagem, onde as fronteiras do que é interior e exterior são pouco nítidas. Nestas condições, o sentimento de ser um ‘eu’ sólido, distinto do outro e do mundo se torna fraco e até desaparece (p.20). Não podemos dizer que esta dimensão está no espaço físico e pode ser vista ou tocada, porém animada por movimentos e ritmos ela tem certa sensorialidade, espacialidade. É possível dizer, lembrando de José Gil (2004), que é de outro espaço que se trate, do intensivo. Assim, esta dimensão parece estar na fronteira entre o psíquico e o físico. Ela seria, segundo Petitmengin (2007), a fonte do pensamento, estaria presente na emergência de ideias, assim como da compreensão de algo.

⁴ Este tema da imitação inventiva foi desenvolvido anteriormente em ressonância ao trabalho de Gabriel Tarde (1976). Conferir: POZZANA DE BARROS, O Corpo em Conexão: Sistema Rio Aberto, EdUFF, 2008.

Ao buscar nomear esta dimensão experiencial parece que nos faltam palavras. É por isto que parece ser no entre que se dá a nossa relação no mundo e o processo terapêutico. Uma fala precisa ser criada para fazer passar a vida. É conhecido que, no campo da prática clínica, não basta saber do problema conceitualmente e saber explicá-lo. É preciso experienciar sensorialmente uma dimensão do problema para conseguir transformá-lo com o tempo. Petitmengin (2010) indica que o trabalho terapêutico mais parece um processo de destilação interior do que de agenciamento de conceitos. Pouco a pouco, o espaço vital se expande e se desdobra. A expressão verbal pode ter um papel importante, mas só na medida em que colabora nesta alquimia, na transformação da matéria concreta da nossa experiência. Na oficina a palavra importa quando é uma fala do corpo, que emerge do espaço habitado por ele.

O trabalho de Stern, facilitado por Petitmengin (2010), faz ressonância com o modo como a oficina se constitui e se desdobra. A intuição inicial de mover e estar junto antes de qualquer compreensão e conversa, toca justamente este ponto. O mundo de cada um foi se presentificando e se sintonizando com o dos outros na medida em que práticas propiciavam uma dança de forças. O modo como acompanho e conduzo o desenvolvimento da oficina (cada vez e no tempo continuado) é muito mais baseado na expressividade presente do que em diagnósticos e manuais. Deleuze e Guattari (1977) afirmam que “somente a expressão nos dá o procedimento” (p.25). Per-seguimos este caminho expressivo. Importa dizer que uma dimensão clínica da oficina se dá na ativação e na lida com os afetos de vitalidade, na expressividade presente nos corpos, entre eles e no espaço trans onde se dão os movimentos dos corpos em relação aos outros corpos e em relação consigo: movimentos de reposicionamento subjetivo na roda. No manejo de uma dimensão pré-refletida da experiência, um corpo coletivo foi sendo criado. O que me convoca ao trabalho corporal com cegos segue presente e é atualizado cada vez nesta dimensão da experiência que se desdobra em uma clínica partilhada e ampliada, feita através de um cuidado distribuído. Sou cuidada na ativação da nossa tribo.

É interessante ressaltar que o tema da expressividade está diretamente relacionado com a dimensão da sensibilidade, com sensações que imprimem no corpo um conhecimento de si, do outro e do mundo. A formação de um grupo se dá a partir de uma habilidade na lida com a sensibilidade de um território existencial, trato com os afetos de vitalidade. Porém, mais do que dizer que fui eu quem fez, é preciso dizer que fui feita com o que me fazia estar ali. E isto pode ser também pensado com cada um que está nesta formação de grupo. Nesta direção, não falo de um eu

POZZANA; PASSOS

no sentido egóico, individuado e individualista, tal como um si cheio de si. Faço referência a um eu em individuação, emergente, corporificado, no seio de uma rede de ações e percepções. Stern (1992) dá uma pista ao referir-se a um senso de eu emergente que se refere a uma consciência simples, direta, não auto-reflexiva de um eu que seria um padrão invariante de consciência. Daí ser talvez melhor traduzir o termo *sense of self* de Stern por *senso de si*, para se referir a um si que não é cheio de si, mas que pode se esvaziar como propõe Varela (1992) com a ideia de *selfless self*. O eu é uma forma de organização que surge na ação e nos processos mentais – um si sendo. Este senso varia e está sempre presente.

Ainda que a natureza do eu possa escapar sempre das ciências comportamentais, o senso de eu permanece como uma realidade subjetiva importante, um fenômeno confiável, evidente, que as ciências não podem descartar. O modo como experienciamos a nós mesmos em relação aos outros oferece uma perspectiva organizadora básica para todos os eventos interpessoais. (STERN, 1992, p.3) grifo nosso

A prática da roda com pessoas com deficiência visual impõe um deslocamento da experiência visocentrada, gerando perturbação em nosso regime cognitivo hegemônico. Tirar a centralidade da orientação visual na ação no mundo produz uma perturbação do modo cognitivo dos que veem, como é o caso de quem orienta a roda. É franqueada uma dimensão da experiência de estar com o outro diferente do regime recognitivo que distingue e separa quem conhece do que ou quem é conhecido, quem toca e quem é tocado. Esta dimensão da experiência a que não temos acesso gratuito, mas que o treino e circunstâncias adequadas nos permitem alcançar, Claire Petitmengin (2007), seguindo o pragmatismo de Willian James, designou de franja da consciência, experiência pré-refletida que é profunda sem ser abstrata, é subjetiva sem deixar de ser corpórea, é singular sem deixar de ser coletiva. Tal dimensão da mente incorporada (VARELA, THOMPSON, ROSCH, 2003), “fonte de nossos pensamentos” (PETITMENGIN, 2007), é aquela que pode “devir consciente” (DEPRAZ, VARELA, VERMERSCH, 2003) em uma prática coletiva orientada. A experiência em roda cria uma espécie de consciência coletiva, uma respiração comum, uma atenção partilhada. O ritmo da respiração compassa o movimento de ir para dentro e para fora de si, sintonizando o grupo que vai se dando conta tanto das sensações proprioceptivas individuais quanto da força da gravidade e da expansão do corpo coletivo no espaço. Entre o dentro e o fora da experiência em primeira pessoa, há o meio do grupo, o em-meio-ao-grupo que não é o centro da roda, mas a zona difusa em que o comum entre todos advém. Na roda, acesso a experiência pré-

refletida de natureza impessoal e indefinida (franjal). Nessa zona trans, acessá-la é, ao mesmo tempo, estar dentro e fora de si. Laura na roda acessa o mundo não visocentrado. Em um mesmo movimento, ela trabalha pela acessibilidade dos que têm deficiência visual ao mundo que ainda se impõe pela sua cosmovisão e acessa o que para ela era, até então, um limite interno. Laura e os demais integrantes da roda têm uma experiência limiar: rodam no limite de si mesmos.

A prática grupal em roda permite que acessemos uma região da experiência que insiste por permanecer difusa na franja de nossa consciência reflexiva. Difusa mas não confusa, podemos ativar esta experiência em seus estratos pré-discursivos com ciência (awareness) deles. Na roda com as pessoas com deficiência visual, éramos levados ao exercício de uma atenção não focada e sem modalidade sensorial específica. Nem propriamente auditiva, olfativa, visual ou tátil, a percepção do que acontecia não se localiza na minha cabeça, mas em todo o corpo de maneira multissensorial e com qualidades transmodais e de caráter receptivo. Experimentava uma atenção flutuante tal como Freud designou como sua regra fundamental; atenção centrífuga, periférica, embora não menos precisa: uma sensação atencional mais do que uma atenção a algo. Assim como a “poderosa alegria” que Swann experimenta ao sentir o gosto da madalena mergulhada no chá, o fundo concreto, embora pré-refletido, se insinua por brechas da experiência consciente, indo das franjas da consciência para o seu centro reflexivo, mas como pura passagem e tendo como expressão um saber ainda não completamente explícito, embora não menos sentido.

De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada mais do que no primeiro ... É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim ... Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar; criar. (PROUST, 1981, pp 45-46)

Explorar a experiência é criar um mundo e a si neste mundo. Gesto autopoiético que faz co-emergir tanto o explorador como a realidade explorada num círculo criativo cuja forma paradoxal é o das Mãos desenhando de Escher ou o Ouroboros mitológico. Acessar este limite da experiência consciente, a sua penumbra, é uma forma de conhecimento em que o sentido é sentido mais do que simbolizado. O sentido da experiência, antes de ser simbolizado, “exala” como uma qualidade

POZZANA; PASSOS

afetiva. O que exala é o que se inspira e se aspira. No jogo autopoietico da co-emergência, dentro e fora se tornam dimensões não excludentes de uma banda uniface. A intersubjetividade se estende em um plano de ampla transversalidade que nos compromete ecologicamente, que nos força ao tato cuidadoso do mundo. Se exalo e sou aspirado pelo outro numa antropofagia ecológica, a cosmopercepção da realidade – nesse sentido youruba do termo – nos coloca na roda do mundo, onde senti-lo é cria-lo.

Enquanto o texto não se concluía, sustentamos a indeterminação (de algo) se passando entre nós. Experimentamos isso como aposta metodológica de acesso ao plano coletivo da tribo. Assim, estivemos acompanhando o movimento criador de acessibilidade ao devir tribo – os gestos afetivos-cognitivos que nos contam da mutualidade da experiência (WINNICOTT, 1970) com pessoas com deficiência visual.

Manejar sem tomar o leme da experiência e deixar exalar, vibrar

Na tribo compartilhamos esta pele comum da experiência. Toco, sou tocada, somos tocados na experiência da roda. O mais profundo é a pele (Paul Valery) como superfície infinita em que afetamos e somos afetados em um mesmo ponto. A experiência sensível na tribo tem este mérito de nos colocar no plano de indiscernibilidade entre o que é meu e é do outro, entre o dentro e o fora, entre o individual e o coletivo. A experiência sensível na roda tem este vetor bífido que aponta para direções divergentes. A experiência na roda é, como a língua da serpente, bifendida em duas partes, expressando seja a dimensão pessoal de cada um dos integrantes da roda, seja a roda ela mesma como dinâmica circular que integra cada um na dimensão coletiva da experiência. Estar na roda é poder experimentar ser da roda. Ser um integrante da roda, experimentar a coexistência entre mim e o outro, sentir-se parte, ser uma parte, participar: a experiência da roda comporta esse ponto de divergência vetorial, este ponto que é como o nó que torna inseparáveis os domínios do pessoal e do coletivo, o que sou antes da roda e o que me torno nela. Aí opera a circularidade da criação.

Este texto partiu da investigação daquilo que sustenta o interesse e a continuidade de Laura na prática que corporifica e dá nascimento à roda com a presença da deficiência visual. Agora, podemos dizer se tratar de algo que se relaciona com a participação, o pertencimento engajado, a lentificação de uma frequência que permite perceber, conhecer e criar junto, através de uma conexão consigo que não se separa da conexão com a tribo e o mundo. Um amor. O manejo da

dimensão pré-refletida da experiência confere ao trabalho na roda um devir consciente grupal que trata do vivido de cada participante através da desindividualização do que se sente, da coletivização do sentido. Ao fazer a prática, toda sexta-feira pela manhã, nos sentimos agrupados, nos expandimos, nos encontramos lá e cá, nos abraçamos por debaixo da terra. Esse gesto ressoa com os ensinamentos ameríndios que nos fazem valorizar cada vida, a vida própria da vida, cada reino, cada tempo, nos fazendo aprender conversando, silenciando e sentindo o Universo. Nesta direção, Carlos Papá, em uma fala no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro⁵, nos dá uma indicação preciosa:

o escuro é a mãe de todo o universo (...) No escuro não tem apontamento, não tem classificação. O escuro não sabe quem é o belo nem o feio. O escuro tem o coração que não escolhe. O escuro é o lugar onde se esconde o amor verdadeiro. Por isso o amor tá lá dentro e não tá pra quem veja. É por isso que quando a gente nasce, ainda dentro do ventre da nossa mãe a gente tá no escuro, não enxerga. Ao nascer enxergamos. E depois, quando a gente vai encontrar a morte, a gente volta pro escuro. Todas as coisas que nascem dependem do escuro. A nossa mãe-escuro sempre tá presente. Quando a gente sai pra fora, sempre tem a sombra porque o escuro sempre tá ao teu lado, quando se pensa, quando quer rezar... Tem que fechar o olho pra ouvir a resposta do escuro. É por isso que é extremamente importante sentir nosso próprio corpo. Valorizar o nosso corpo, valorizar a nossa fala, valorizar o ouvido, valorizar a ótica de enxergar e de falar. Todas as coisas são sagradas e é por isso que não podemos apontar pra ninguém. Coisa que escola não ensina.

Tem algo desse escuro de que fala Papá ligado ao amor encarnado e coletivo que alimenta e sustenta o meu interesse na continuidade dos encontros em roda com a tribo. Escuro próprio dos processos germinais, do não saber entre nascimento e morte, como também de produção de subjetividade e de conhecimento. O corpo que se conecta e se relaciona com o escuro não é o corpo orientado prioritariamente de modo visual, separado daquilo que vê. Há um corpo inteiro percebendo o movimento da roda, do suceder. Podemos dizer que os acontecimentos suscitados pela prática suspendem julgamentos e teorias que servem como fundamento e nos afastam da potência da vida. Os movimentos da roda me deslocam da abstração e me colocam no chão, acompanhada. Observo ao longo desses anos um dar-se generosamente como condição para sentir o mundo e criar sentidos. Há uma radical alteridade em jogo. Me deparo com limites e posso ser transpassada. Sinto que a experiência na roda com essas pessoas, juntas, sem e com visão, dão

⁵ <https://youtu.be/51PIbR-sops>. O Beijo do Beija-Flor. Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida. Evento realizado no MAM Rio em 14 de Maio de 2022

POZZANA; PASSOS

contorno e paradoxalmente ampliam meu horizonte perceptivo. Vou tendo em exercício (experimentação) um corpo em criação e formação. No grupo, fomos lidando e nos cuidando com a heterogeneidade que é tão presente e constituinte, são múltiplas as diferenças, as possibilidades e paradoxalmente me sinto mais situada, singularizada. Vou longe e perto, vamos juntos.

Laura só vai longe porque está perto. Ela com eles vive o sentido paradoxal da experiência na zona trans da pré-reflexividade. Paradoxalmente Laura amplia seu horizonte perceptivo quando dá acesso – afinal estas oficinas estão inseridas no campo mais vastos das práticas de acessibilidade – e acessa, ela mesma, a experiência não visocentrada. Laura se descentra e ganha uma cosmopercepção. A acessibilidade deve ser entendida como um vetor bífido porque opera no regime da mutualidade como definiu Ferenczi (1990). A tribo é um coletivo que resulta de um processo de contração de grupalidade cuja base é afetivo-cognitiva: base da experiência de onde advimos ao que somos.

Referências

- CLARK, L. **Lygia Clark**. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980 (Arte brasileira contemporânea)
- DEPRAZ, N, VARELA, F, VERMERSCH, P. **On Becoming Aware: A pragmatics of experiencing**. A m s t e r d a m / P h i l a d e l p h i a: John Benjamins Publishing Company, 2003
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, **Félix**. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FERENCZI, S. **Diário Clínico** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GENDLIN, E. **Experiencing and creation of the meaning**. Northwestern University Press, 1962
- GIL, J. Abrir o corpo. In: **Corpo, Arte e Clínica**. Fonseca T. M. G. e Engelman S. (orgs.). Coleção Conexões Psi; Porto Alegre: editora da UFRGS, p13-28, 2004.
- GUERREIRO, R., et KASTRUP, V. **Aesthetic accessibility and tactile images of works of art**. Terra Haptica, 5, 9-17, 2015.
- HATWELL, I. **Psychologie Cognitive de la cécité précoce**. Paris: Dunod, 2003.
- HATWELL, I., STRERI, A., & GENDAZ, E.(Eds). **Toucher pour connaître** Paris: PUF, 2000.
- KASTRUP, V. O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência – Vol. 8 – nº 3 – pp.69-85, 2015
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, p. 391-415, 2002.
- PETITMENGIN, C. Describing one's subjective experience in the second person: Na interview method for the science, In: _____. **Phenom Cogn Sci** [online] p.229-269, 2006.
- PETITMENGIN, C. L'énaction comme expérience vécue. In: _____. **Intellectica**, n. 43, p.85-92, 2006.

- PETITMENGIN, C. Towards the source of thoughts: The gestural and transmodal dimension of lived experience. In: _____. **Journal of Consciousness Studies**, vol. 14, n.3, p.54-84, 2007.
- PETITMENGIN, C. La neuro-phénoménologie: quels enjeux thérapeutiques? Disponível em: www.instituttibetain.org/cms/uploads/bestanden/ub2010/Intervention%20de%20Claire%20Petitmengin.pdf, 2010.
- POZZANA DE BARROS, L., **O Corpo em Conexão**: Sistema Rio Aberto, Niterói, EdUFF, 2008.
- POZZANA, L. **Corpo e Cegueira**: movimento sensível e vital, Ed. CRV, 2017
- PROUST, M. No caminho de Swann. **Em busca do tempo perdido**, v.1. Tradução Mário Quintana. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981
- STERN, D. **O Mundo Interpessoal do Bebê**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- VARELA, F. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- VARELA, F., THOMPSON, E., ROSCH, E. **A mente incorporada**. Ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed editora, 2003.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
-



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 07/08/2022
Aprovado em: 15/11/2022